

COMO SE TRADUZ METÁFORA? UMA ANÁLISE COM BASE NA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL*

*Laura Baiocco***

*Maity Siqueira****

RESUMO

Este trabalho é uma aproximação entre os estudos da linguagem figurada na Linguística Cognitiva e os estudos de tradução. Apresentamos uma análise de duas traduções para o português do conto inglês “A Scandal in Bohemia”, de Arthur Conan Doyle. Buscamos investigar como os tradutores agem diante de metáforas e verificar a possível presença de mapeamentos metafóricos nas escolhas feitas pelos tradutores. Nos estudos que lidam com tradução dentro da Linguística Cognitiva, existe certo consenso de que o desafio da tradução está nos casos em que as línguas utilizam domínios conceituais diferentes para expressar ideias parecidas. Com isso em mente, selecionamos expressões dos textos com base no MIPVU, método para a identificação de metáforas linguísticas, e conduzimos a análise. Nossa investigação sugere que as metáforas, primárias na sua grande maioria, foram frequentemente traduzidas por equivalentes literais, sugerindo que as metáforas primárias também tendem a apresentar problemas para a tradução, diferentemente do que se entende na literatura. Nesses casos, percebemos que este problema pode ser explicado por diferenças entre as línguas nas elaborações linguísticas dessas metáforas. Com isso, concluímos que o potencial para a universalidade não isenta metáforas primárias de serem desafios para a tradução.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Tradução; Teoria da Metáfora Conceitual; Metáfora.

ABSTRACT

This study brings closer the disciplines of translation studies and the studies on figurative language according to the Cognitive Linguistics perspective. We present an analysis of two translations of the English short story “A Scandal in Bohemia”, by Arthur Conan Doyle into Brazilian Portuguese. Our aim was to investigate how translators perform when having to deal with metaphors and to examine the presence of metaphoric mappings on their translated versions. On studies that deal with translation under the Cognitive Linguistics umbrella, it is usually unanimous that the challenge of figurative language translation lies on cases in which the given languages use different domains to express similar ideas. With this in mind, we selected expressions from the texts based on MIPVU, a method for the identification of linguistic metaphors, and the analysis was carried out. Our investigation suggests that metaphors, mostly primary in this case, were frequently translated by their literal equivalents, indicating that primary metaphors also tend to pose problems for translation, differently to what is postulated on the literature. In such cases, we notice that such problems can be explained by differences regarding the linguistic elaboration of such metaphors between the languages. With this, we conclude that their potential for universality does not excuse primary metaphors from being challenges for translation.

Keywords: Cognitive Linguistics; Translation; Conceptual Metaphor Theory; Metaphor.

* Trabalho derivado da monografia (trabalho de conclusão de curso em Letras na UFRGS) da primeira autora e apresentado no VI CIMLP em outubro de 2017, na cidade de Salvador -BA.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Letras, mestranda - laura.baiocco@ufrgs.br.

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Letras, professora associada - maity.siqueira@ufrgs.br.

INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas, no âmbito da Linguística Cognitiva, tentativas de aproximação entre estudos envolvendo linguagem figurada e tradução tornaram-se mais frequentes e minuciosos com a popularidade cada vez maior desta perspectiva (cf. SCHÄFFNER, 2004; ROJO e IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013; MILLER e MONTI, 2014). Ainda assim, esses estudos geralmente abordam o inglês e outras línguas europeias, e, portanto, há uma lacuna nos estudos que relacionam a Linguística Cognitiva e os estudos de tradução no português brasileiro. Com o intuito de verificar a viabilidade de uma maior proximidade entre essas duas áreas no que concerne a língua portuguesa, pretendemos preencher essa lacuna e contribuir para os estudos de ambas as disciplinas.

Para tanto, propomos analisar duas traduções do conto “A Scandal in Bohemia” de Arthur Conan Doyle, publicado pela primeira vez em 1891, prestando atenção especialmente no modo como as metáforas presentes foram traduzidas. A primeira tradução, traduzida por Hamílcar de Garcia, se chama “Um escândalo na Boêmia” e foi editada pelo Círculo do Livro e publicada em As Aventuras de Sherlock Holmes em 1985. A segunda, é denominada “Escândalo na Boêmia”, de Maria Luiza X. de A. Borges, da segunda edição de As Aventuras de Sherlock Holmes da editora Zahar, de 2010. Mais especificamente, buscamos investigar como os tradutores agem diante de metáforas no texto que devem traduzir e também verificar a possível presença de mapeamentos metafóricos nas suas escolhas.

1 A METÁFORA E A TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Na Linguística Cognitiva, a metáfora é definida como o entendimento de um domínio conceitual através de outro. Desta forma, ao utilizar uma metáfora, não estamos apenas falando de algo em termos de outra coisa, mas sim entendendo um conceito em termos de outro. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 99), que desenvolveram a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), “as metáforas [...] não são aleatórias, ao contrário, elas formam sistemas coerentes com os quais conceitualizamos nossa experiência”. Em termos mais técnicos, uma metáfora envolve um domínio conceitual fonte, definido como o tópico ou a categoria de que falamos literalmente, e um domínio alvo, aquilo que queremos dizer. Portanto, de acordo com a teoria, a expressão “Os ramos da empresa estão se expandindo” é uma atualização linguística que aborda e conceitualiza o domínio alvo ORGANIZAÇÕES em termos de PLANTAS (domínio fonte) e é também derivada da metáfora conceitual ORGANIZAÇÕES SÃO PLANTAS. Assim, o conceito de organizações é categorizado e parcialmente conceitualizado nos nossos pensamentos desta forma a partir da nossa experiência com plantas e consequente conhecimento sobre elas.

A Linguística Cognitiva defende uma visão experiencialista da linguagem figurada. De acordo com ela, os processos cognitivos humanos (e, portanto, a linguagem) não podem ser investigados isoladamente da nossa experiência corpórea. A biologia dos nossos corpos e do ambiente em que vivemos soma-se à maneira como interagimos e determina outros aspectos da nossa experiência (EVANS e GREEN, 2006). Por exemplo, experienciamos a gravidade o tempo

todo. Quando alguém está cansado, dormindo ou desmaiado, a tendência é que esteja mais para baixo literalmente. Da mesma forma, quando estamos acordados, ativos ou pulamos de alegria, nossos corpos ficam mais para cima. Isso influencia a maneira como entendemos situações mais abstratas porque essas coocorrem muito frequentemente no nosso cotidiano. Disso, portanto, surgem expressões linguísticas como “estar se sentindo para cima/baixo”, “estar no fundo do poço” e “estar nas nuvens”, que falam de (in)felicidade, um conceito abstrato, de forma mais concreta e motivada pela experiência corpórea.

As expressões mencionadas acima atualizam as metáforas conceituais BOM É PARA CIMA e sua contraparte RUIM É PARA BAIXO, que, por sua vez, são metáforas primárias. Essas são as metáforas que não dependem de uma cultura em específico e, portanto, têm potencial para a universalidade (GRADY, 1997). Como no exemplo mencionado acima, as motivações dessas metáforas (estar cansado, dormir, estar ativo, pular...) acontecem com seres humanos independentemente de suas culturas, e isso faz com que elas potencialmente existam na maioria das línguas e, por hipótese, não apresentem muita dificuldade de tradução.

Outras metáforas são majoritariamente baseadas em aspectos culturais. As chamadas metáforas complexas resultam de organizações de experiência compartilhadas por uma comunidade (KÖVECSES, 2005) que funcionam no nível do pensamento e, portanto, também compõem nosso sistema conceitual. A partir dessas experiências compartilhadas, as metáforas mais culturalmente específicas surgem. Esses casos, como esperado, são os que mais oferecem desafios à tradução segundo a literatura. Disso, temos as diferenças interculturais entre sistemas linguísticos que são grandes fatores para a tradução de linguagem figurada. É importante observar aqui, contudo, que a universalidade ou a especificidade cultural não são categorias fechadas, e as metáforas podem apresentar aspectos de natureza mais cultural ou universal conforme cada caso específico, como em um *continuum* de universalidade.

Kövecses (2010) lista três tipos de variação intercultural que podem afetar o trabalho de tradução. O primeiro tipo de variação diz respeito à extensão de domínios possíveis utilizados em dada cultura para expressar um alvo específico. Como exemplo, o autor argumenta que a língua zulu tem muitas metáforas conceituais relacionadas a raiva que são equivalentes às da língua inglesa. Ainda assim, o zulu apresenta a metáfora A RAIVA É NO CORAÇÃO, diferentemente do inglês. O fato de que o domínio da RAIVA pode ser conceitualizado de mais formas em uma língua e menos em outra marca esse tipo de variação intercultural. O segundo tipo de variação está relacionado às elaborações específicas de cada cultura em relação a uma metáfora. Por exemplo, o húngaro utiliza expressões que descrevem a raiva como uma substância queimando em um cano. Apesar de essa elaboração específica atualizar as metáforas O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É FOGO, presentes em várias línguas, a ideia de cano parece ser empregada somente em húngaro (Ibid., p. 216). Já o terceiro tipo de variação descrita por Kövecses é a relação intercultural entre metáfora e metonímia. Algumas línguas podem conceitualizar um dado domínio predominantemente através de metáforas, e outras, de metonímias. Ao passo que o inglês usa mais metáforas para entender o conceito de raiva, por exemplo, as línguas zulu e chinesa usam mais metonímias (Ibid., p. 219).

Mas esse não é o único fator que pode atuar como desafio para a tradução de metáforas. Os estudos baseados na perspectiva da Linguística Cognitiva têm diferenciado os casos em que as línguas apresentam mapeamentos similares para representarem dada projeção metafórica dos casos em que as duas línguas têm mapeamentos dissonantes (MANDELBLIT, 1995; STEEN, 2014; KÖVECSES, 2014). Assim, existe um certo consenso de que a dificuldade da tradução está nos casos em que as línguas envolvidas usam domínios conceituais diferentes para expressar ideias parecidas.

Mandelblit (1995), uma das pioneiras nos estudos de tradução na perspectiva da Linguística Cognitiva, postulou essa hipótese sob o nome de “Cognitive Translation Hypothesis” (Hipótese da Tradução Cognitiva, numa tradução livre). Segundo ela, em casos em que as línguas envolvidas usam domínios fontes diferentes para expressar o mesmo domínio alvo, o processo de busca por um equivalente pode exigir uma mudança conceitual consciente por parte do tradutor (Ibid., p. 486). A tradução, segundo ela, pode envolver não somente uma mudança linguística, mas uma mudança conceitual. Quando as línguas usam mapeamentos similares entre os domínios, por outro lado, os tradutores não enfrentariam grande desafio. Indo além da postulação da hipótese, Mandelblit (1995) fez um estudo empírico para testá-la. Seus resultados demonstraram que os sujeitos demoram significativamente mais tempo para chegarem a uma tradução considerada satisfatória por eles mesmos nas expressões com mapeamentos diferentes entre as línguas (com tempo médio de 30 segundos, enquanto o tempo médio das condições similares entre línguas era de dois segundos). Essas evidências corroboram a hipótese de Mandelblit e reforçam a noção de que mapeamentos diferentes apresentam maior dificuldade aos tradutores.

Sendo essa hipótese bastante aceita na Linguística Cognitiva, alguns trabalhos foram desenvolvidos a partir dela. Kövecses (2014), por exemplo, estende essa noção e descreve tipos de sentido que são importantes para uma boa tradução de metáfora: o sentido geral de uma expressão, que diz respeito principalmente ao seu domínio alvo; o sentido específico, relacionado às correspondências entre os domínios alvo e fonte e às relações específicas entre esses domínios; e o sentido conotativo, definido por Kövecses como a relação entre o sentido de uma expressão metafórica e as inferências que podemos fazer a partir dele com nosso conhecimento de mundo. Por exemplo, a expressão “cuspir fogo” tem como sentido geral expressar que alguém está com raiva e como sentido específico os aspectos mais característicos do mapeamento, como a intensidade da raiva, quem é o agente, a causa etc., caso essas informações estejam presentes no contexto. Da mesma forma, o sentido conotativo dessa expressão envolve o fato de que a raiva está prestes a sair de controle, de que o fogo (e, portanto, a raiva) é perigoso, de que pode queimar os envolvidos, e assim por diante. Todos esses sentidos, segundo o autor, devem ser considerados durante o processo tradutório.

Dadas essas noções, podemos perceber a complexidade das metáforas e fica clara a importância do estudo da tradução desse fenômeno na língua para esclarecer aspectos ainda dúbios nesse âmbito. Este trabalho faz, portanto, uma investigação desses aspectos através da análise de traduções já publicadas de uma mesma obra. Ao avaliar o produto final do processo de tradução, buscamos entender como os tradutores lidam com esse tipo de linguagem na prática.

2 MÉTODO

O processo de seleção das expressões aqui analisadas se deu com base no método para identificação de metáforas linguísticas de Steen et al. (2010), o MIPVU (Metaphor Identification Procedure - Vrije Universiteit¹). Este foi desenvolvido a partir de um método já existente, o Procedimento para Identificação de Metáforas, ou PIM (Grupo Pragglejaz, 2007). Entretanto, Steen et al. (2010) apresentam uma versão expandida e revisada dos procedimentos, utilizada neste estudo.

O primeiro passo proposto pelos autores é encontrar unidades lexicais potencialmente metafóricas através da análise de palavra por palavra do texto. Caso o uso de uma unidade for indireto e puder ser explicado através de algum tipo de mapeamento entre domínios, sendo um deles mais básico (mais concreto, corpóreo ou preciso), a palavra está sendo usada metaforicamente. Se, após identificado, o sentido contextual for distinto do sentido mais básico mas relacionado a ele por algum tipo de similaridade, temos uma metáfora indireta. As metáforas indiretas, para Steen et al. (2010), são as mais prototípicas, que não explicitam no discurso a relação entre domínios. O MIPVU ainda aborda casos de metáforas diretas (deliberadas ou símiles, por exemplo) e implícitas (gramaticais), mas estas não serão abordadas neste estudo.

Seguindo a proposta do MIPVU, a partir de definições dicionarísticas de expressões das traduções de Garcia (DOYLE, 1985) e Borges (DOYLE, 2010), os sentidos básicos foram identificados e comparados aos sentidos contextuais. Quando era o caso, a metáfora era identificada. É importante ressaltar também que o MIPVU é um método para a identificação de metáforas linguísticas, embora as comparações entre sentidos (ou domínios) necessários no procedimento sejam conceituais. Portanto, a categorização das atualizações linguísticas em metáforas conceituais ainda é trabalho específico do pesquisador, que obviamente conta com a ajuda de dicionários e outros textos-guia da Linguística Cognitiva (cf. GRADY, 1997; KOVECSES, 2010).

Após o procedimento de identificação, as figuras de linguagem foram categorizadas quanto ao mapeamento e tabeladas para que as traduções pudessem ser checadas. Os casos mais exemplares ou prototípicos das traduções do *corpus* e as propostas de tradução mais interessantes, portanto, foram selecionadas para compor a análise.

3 ANÁLISES

Nesta seção, apresentamos os casos mais exemplares de tradução de metáfora encontrados no *corpus* em questão, portanto nem todas as metáforas identificadas aparecerão neste artigo. Assim, apresentamos abaixo alguns trechos metafóricos originais e as soluções encontradas pelos tradutores do conto.

Em alguns casos, uma tradução ao pé da letra que mantém os mapeamentos do texto original é perfeitamente possível. Por exemplo, para o trecho “Sit down in your arm-chair, Doctor, and **give us** your best attention” (DOYLE, 1994, p. 8), ambos os tradutores apresentaram a mesma

1 Procedimento para a Identificação de Metáforas da Universidade Livre de Amsterdã, Holanda.

elaboração metafórica: na primeira, de Hamílcar de Garcia, “dê-nos sua melhor atenção” (DOYLE, 1985 - Garcia), e na segunda, de Maria Luiza Borges, temos “dê-nos o melhor de sua atenção” (DOYLE, 2010, p. 76 - Borges). Assim, a metáfora conceitual ATRIBUTOS SÃO POSSES foi seguida em ambos os casos, provavelmente por duas razões. A primeira é a sua própria natureza primária, que não denuncia a metaforicidade da expressão tão facilmente. A segunda razão é a natureza bastante idiomática (no sentido de fixa e frequente) da expressão ‘dar atenção’. Em outro trecho, o mesmo aconteceu, embora com pequenas mudanças. Do original “I was already **deeply** interested in his inquiry...” (DOYLE, 1994, p. 14), temos “Tinha profundo interesse pelo caso” (DOYLE, 1985 - Garcia) e “Já estava profundamente interessado naquela investigação” (DOYLE, 2010, p. 82 - Borges). Portanto, ambos mantiveram o mapeamento intensidade é profundidade, ainda que com algumas mudanças sintáticas e morfológicas por Garcia.

Contudo, mesmo quando é possível manter o mapeamento e a elaboração do trecho original na tradução, os tradutores podem optar por outras expressões. Temos, por exemplo, no texto original um membro da aristocracia lamentando apaixonar-se por uma mulher de uma classe social mais baixa: “Is it not a pity that she was not on my **level**?” (DOYLE, 1994, p. 28). A tradução de Borges seguiu a mesma elaboração linguística e mapeamento, como vemos em “Não é uma pena que não fosse do meu nível?” (DOYLE, 2010, p. 95 - Borges), enquanto a de Garcia utilizou um mapeamento parecido e apresentou uma elaboração diferente: “Pena que não seja da minha posição!” (DOYLE, 1985 - Garcia). Embora o autor originalmente não especifique explicitamente na atualização linguística se fala de um nível mais baixo ou mais alto, entendemos através de experiência de mundo que a hierarquia social está em questão e que o falante se coloca em uma posição mais privilegiada do que a mulher por quem se apaixonou. Assim, podemos dizer que o mapeamento apresentado na versão original e na primeira tradução é STATUS SOCIAL É ELEVAÇÃO VERTICAL, que funciona bem linguisticamente em ambas as línguas. Mesmo assim, Garcia escolheu não utilizar a palavra “nível”, e sim “posição”, adaptando o mapeamento para STATUS SOCIAL É POSIÇÃO, que é um pouco mais genérico, já que não estabelece nenhum tipo específico de posição. Considerando, entretanto, que entendemos implicitamente ao ler essa tradução que ainda assim falamos de uma hierarquia social, a tradução de Garcia acaba por trazer também esse tipo de inferência.

Em um caso de personificação, Garcia também optou por uma expressão diferente do original quando era possível traduzir palavra por palavra. No trecho original, onde Sherlock demonstra sua habilidade perceptiva, temos a caracterização dos olhos como uma pessoa: “My eyes **tell me** that on the inside of your left shoe [...] the leather is scored by six almost parallel cuts” (DOYLE, 1994, p. 5). Na segunda tradução, a estrutura foi mantida, assim como o mapeamento conceitual, como vemos: “Meus olhos me dizem que no lado interno do seu sapato esquerdo [...] o couro está riscado por seis cortes quase paralelos” (DOYLE, 2010, p. 74 - Borges). Já na tradução de Garcia (DOYLE, 1985), essa estrutura comum em ambas as línguas não foi seguida: “Vejo que do lado de dentro do seu sapato esquerdo [...] o couro está marcado com seis cortes paralelos”. Embora a personificação pareça ser uma forma básica e potencialmente universal da metáfora, sendo perfeitamente usual no português nesse caso, um dos tradutores escolheu utilizar uma construção literal. Com isso, é possível concluir que somente a possibilidade de elaboração metafórica não garante que o tradutor opte por ela.

Outro cenário em que os tradutores poderiam ter optado por utilizar o mesmo mapeamento com naturalidade em português está relacionado à metáfora conceitual CONFLITO É GUERRA. No segmento original, temos: “...how the best plans of Mr. Sherlock Holmes **were beaten** by a woman’s wit” (DOYLE, 1994, p. 28-29). Aqui, um tradutor que propusesse palavras como ‘vencidos’ e ‘derrotados’ utilizaria o mesmo mapeamento do texto original. Entretanto, ambos os tradutores, interessadamente, optaram pela mesma construção sintática e vocabulário em geral, como vemos: “...os melhores planos de Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher” (DOYLE, 1985 - Garcia); e “...que os melhores planos de Mr. Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher” (DOYLE, 2010, p. 96 - Borges). O uso da palavra ‘frustrados’ aqui pode apresentar personificação, não sendo exatamente literal, mas ainda assim estando em dissonância com o mapeamento do trecho original.

Como este, há muitos casos em que o mapeamento do segmento original não foi bem aproveitado e as soluções propostas pelos tradutores foram literais. É o que acontece em duas ocorrências da metáfora primária SABER É VER, que implicitamente fazem relação ao fato de que enxergamos melhor quando está claro. No texto de Conan Doyle, quando Sherlock está prestes a contar seu plano a Watson, temos: “When Mrs. Turner has brought the tray I will make it **clear** to you” (DOYLE, 1994, p. 19). Enquanto a palavra ‘esclarecer’, por exemplo, teria sido uma opção mais equivalente à fonte e ainda aceitável no texto em português, ambos os tradutores optaram pelo verbo ‘explicar’: “Depois que a Sra. Turner trouxe a bandeja, explico-lhe tudo” (DOYLE, 1985 - Garcia) e “Depois que Mrs. Turner tiver trazido a bandeja eu lhe explicarei” (DOYLE, 2010, p. 86 - Borges). Ainda no âmbito da mesma metáfora conceitual, temos outra atualização linguística: “I’m still **in the dark**” (DOYLE, 1994, p. 23). Do mesmo modo, as traduções foram literais: “Não compreendo” (DOYLE, 1985 - Garcia) e “Continuo sem entender” (DOYLE, 2010, p. 91 - Borges). Essa construção seria mais difícil de transpor para o português, mas, ainda assim, as opções não foram exploradas pelos tradutores.

Além disso, é possível perceber que em muitos dos casos os tradutores abrem mão de uma tradução mais equivalente em relação à linguagem figurada para poderem seguir a mesma estrutura do trecho original. Uma dessas expressões situa-se no seguinte trecho: “At present it is not too much to say that it is of such **weight** that it may have an influence upon European history” (DOYLE, 1994, p.9), que atualiza a metáfora conceitual IMPORTÂNCIA É PESO. Enquanto isso, as traduções ficaram no âmbito da literalidade. Na primeira, temos: “Atualmente, não é exagero dizer que é tão importante que pode influenciar a história da Europa inteira” (DOYLE, 1985 - Garcia); enquanto a segunda segue da seguinte maneira: “No momento, não é exagero dizer que ele é de tal gravidade que pode ter influência sobre a história européia” (DOYLE, 2010, p. 78 - Borges). Apesar de termos em português expressões que atualizem essa metáfora (p. ex. “Este é um problema substancial” ou “Este é um problema de peso”), as atualizações linguísticas convencionais para esse caso específico em português talvez exigissem pequenas mudanças sintáticas que podem ocasionar uma certa relutância dos tradutores em utilizá-las.

Ainda assim, é importante notar o uso da palavra ‘gravidade’ na segunda tradução. À primeira vista, pensamos no sentido prototípico da palavra: a qualidade de algo grave ou com consequências

perigosas, sinônimo de seriedade². Porém, devido à polissemia, podemos também interpretá-la em relação à gravidade física, força de atração que age sobre o peso ou massa no planeta e, portanto, está de certa forma relacionada ao domínio peso. Assim, consciente ou inconscientemente, Borges acabou por utilizar em sua tradução aspectos do domínio fonte da expressão original.

Outras expressões também apresentam desafios à tradução principalmente por dificuldades na elaboração das imagens mentais que são inferidas. O trecho no texto original de Conan Doyle está associado às metáforas primárias conceituais INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE e MUDANÇA É MOVIMENTO, que originam uma metáfora complexa DIMINUIÇÃO DE ENVOLVIMENTO EMOCIONAL É AFASTAMENTO GRADUAL: “My marriage had **drifted us away** from each other” (DOYLE, 1994, p. 3). O verbo composto ‘drift away’ dá a ideia de afastamento aos poucos, como se por correntes de ar ou água³. Já nas traduções, temos diferentes propostas. Na tradução de Borges, temos “Meu casamento nos afastara” (DOYLE, 2010, p. 72 - Borges), enquanto na outra, o tradutor optou por reformular a estrutura da frase, como segue: “Casei-me, e por isso não nos podíamos encontrar tão frequentemente como antes” (DOYLE, 1985 - Garcia). Embora a primeira tradução mantenha as metáforas primárias, o verbo ‘afastar’ em português não produz todas as mesmas inferências e imagens mentais, já que tem um sentido bem mais geral do que ‘drift away’. Já Garcia foi bem mais literal e prolixo, não utilizando metáforas e dando mais explicações que direcionam e limitam a interpretação por parte do leitor. De qualquer forma, aqui temos diferenças entre as línguas que dificultam uma tradução mais fiel. A língua inglesa parece ter uma expressão mais específica em termos de como acontece o afastamento entre duas pessoas (de forma lenta e gradual, neste caso), enquanto pode parecer difícil pensar numa equivalência a respeito dessa inferência no português. Talvez por isso a escolha de Borges tenha sido mais genérica, mas ainda assim, manteve as metáforas que relacionam a proximidade física à intimidade e o movimento de afastamento à mudança comportamental. Uma opção para esse caso seria adicionar um elemento como “lentamente” “pouco a pouco”, “foi nos afastando”, ou algo do gênero. O fato é que as traduções, tal como estão, perdem um pouco das inferências geradas no original.

Além disso, muitos dos casos apresentam uma maior dificuldade de transposição principalmente pela pouca convencionalidade da elaboração linguística em português. É o caso da tradução do trecho onde Sherlock é levado para dentro da casa de Irene Adler: “Then they carried me in. She **was bound** to have me in” (DOYLE, 1994, p. 24). As traduções foram as seguintes: “Levaram-me para dentro. Ela não podia deixar de permitir que o fizessem” (DOYLE, 1985 - Garcia), e “Ela tinha de me receber” (DOYLE, 2010, p. 91 - Borges). As soluções dadas pelos tradutores, portanto, não seguiram o mapeamento IMPOSSIBILIDADE DE FAZER ALGO É INCAPACIDADE DE SE MOVER. Apesar de esta metáfora estar presente no português (p. ex. na expressão idiomática ‘estar de mãos atadas’), ela seria pouco convencional no caso desse segmento específico. Como mencionado nas seções de pressupostos teóricos, as línguas diferem nas elaborações linguísticas possíveis para alcançar o mesmo domínio alvo (KÖVECSSES, 2010). Assim, seguir o mapeamento à risca nesse caso significaria utilizar uma expressão pouco convencional que provavelmente causaria estranhamento ao leitor.

2 Fonte: <<http://www.aulete.com.br/gravidade>>.

3 Fonte: <<http://www.thefreedictionary.com/drift>>.

Conforme mencionado na primeira seção, os casos em que um domínio alvo específico é representado através de domínios diferentes nas línguas costumam apresentar grande dificuldade para a tradução. Embora esses casos não tenham ocorrido frequentemente no corpus, trazemos aqui um exemplo. Após Sherlock explicar seu plano a Watson, ele pergunta: “You quite **follow** me?” (DOYLE, 1994, p. 19). A metáfora nessa expressão é ENTENDER É SEGUIR, mas os tradutores optaram pela literalidade: “Está entendido?” (DOYLE, 1985 - Garcia); “Entendeu bem?” (DOYLE, 2010, p. 87 - Borges). Em português, não seria convencional usar uma expressão decorrente dessa metáfora, mas sim uma que atualizasse ENTENDER É ACOMPANHAR. Assim, traduzir ‘follow’ por ‘acompanhar’ seria uma boa opção para manter a metaforicidade e o domínio alvo da expressão, mudando apenas o domínio fonte. Desta forma, caso empregássemos a metáfora conceitual mais abrangente APRENDIZAGEM É TRAJETÓRIA, a tradução de ‘follow’ por ‘acompanhar’ seria seguida com ambos os domínios.

Dentre expressões mais fáceis, outras mais difíceis e particularidades entre as propostas dos tradutores, a maioria das expressões metafóricas encontradas no corpus não teve um equivalente metafórico nas traduções aqui analisadas. Nem mesmo as metáforas primárias, presumivelmente universais e mais facilmente traduzidas, obtiveram um número grande de traduções figuradas. A universalidade, portanto, não isenta essas metáforas de serem empregadas ou elaboradas de formas diferentes entre as línguas, e daí surgem as discrepâncias que tornam a tradução mais desafiadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma análise das traduções das metáforas presentes no conto “A Scandal in Bohemia” de Arthur Conan Doyle. O objetivo era investigar como os tradutores produzem traduções de trechos originalmente figurados e verificar a presença de mapeamentos metafóricos nas soluções propostas por eles. No geral, os fenômenos encontrados no texto não apresentaram grandes diferenças culturais em relação ao Brasil, mas isso não impediu que os tradutores optassem por traduzi-los de forma diferente dos mapeamentos originais. Ao todo, encontramos 22 metáforas no conto original de Conan Doyle, enquanto 11 tiveram os mapeamentos mantidos por Borges e cinco por Garcia, apenas um quarto de todas as metáforas encontradas no texto original.

Assim, a maior parte dos trechos metafóricos foi traduzida por equivalentes literais. As metáforas encontradas no texto original eram primárias na sua maioria e nem sempre foram traduzidas pelas mesmas metáforas em português, sugerindo que mesmo as metáforas primárias tendem a apresentar problemas para a tradução, diferentemente do que vimos na literatura. Embora as omissões dos mapeamentos tenham ocorrido principalmente em casos em que as línguas tinham elaborações diferentes, condição dificultadora da tradução alinhada com o postulado sobre a variação intercultural de Kövecses (2005, 2010), tivemos também casos em que o tradutor optou por construções literais mesmo quando havia a possibilidade de elaboração metafórica.

Um fator determinante para a tradução de linguagem figurada que exerce pressão sobre o tradutor é a convencionalidade das expressões linguísticas. Como pudemos ver durante a análise, os tradutores dão preferência a expressões mais convencionalizadas e estabelecidas no léxico em relação a elaborações que mantêm as correspondências metafóricas mas que causariam estranhamento ao

leitor. Por isso, é importante destacar aqui que a tradução tem valor comercial. Assim, os tradutores trabalham com prazos, clientes e ainda uma série de fatores externos que também influenciam a tradução. Deste modo, devemos reconhecer que, mesmo tendo a TMC como base, por muitas vezes não é possível seguir os mesmos mapeamentos do texto original e manter o sentido e a fluidez na tradução.

Uma limitação deste trabalho diz respeito ao fato de que apenas duas traduções de um conto foram comparadas. Isso obviamente pode enviesar os resultados caso um dos tradutores tiver um estilo de tradução mais desviante da norma. Por isso, estudos futuros são recomendados para testar ou corroborar essas hipóteses sobre as práticas comuns de tradução de linguagem figurada no Brasil, inclusive no que diz respeito a outras culturas, épocas, gêneros textuais e textos com expressões mais culturalmente específicas. Da mesma forma, pesquisas sobre os processos cognitivos dos tradutores e sobre os efeitos da tradução de linguagem figurada conforme os mapeamentos originais também são sugeridas.

Por fim, este estudo atesta a complexidade em se traduzir metáfora, principalmente devido às múltiplas facetas e funções do fenômeno. Assim, ao abordar as estratégias utilizadas pelos tradutores ao lidarem com metáforas, os estudos descritivos de tradução podem oferecer contribuições valiosas para o estudo dessa figura de linguagem. Da mesma forma, um estudo completo e aprofundado desse fenômeno pode proporcionar uma maior compreensão não somente sobre a linguagem em geral, mas também sobre a cognição.

REFERÊNCIAS

AULETE DIGITAL. 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em junho de 2017.

DOYLE, A. C. A Scandal in Bohemia. In: _____. **The Adventures of Sherlock Holmes**. Reading: Penguin Popular Classics, 1994, p. 3-29. Primeira edição em 1892.

_____. Escândalo na Boêmia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. In: _____. **As Aventuras de Sherlock Holmes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 71-108.

_____. Um escândalo na Boêmia. Tradução de Hamílcar de Garcia. In: _____. **As Aventuras de Sherlock Holmes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. Disponível em: <https://mundosherlock.wordpress.com/canon_e/arthur-conan-doyle-as-aventuras-de-sherlock-holmes-1892/um-escandalo-na-boemia/> Acesso em junho de 2017.

EVANS, V. GREEN, M. **Cognitive Linguistics: An introduction**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

GRADY, J. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. Doutorado em Linguística (Tese), Universidade da Califórnia, Berkeley. p. n/a, 1997.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. **Metaphor: A practical introduction**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.

_____. Conceptual metaphor theory and the nature of difficulties in metaphor translation. In: MILLER, D.; MONTI, E. (Eds.). **Tradurre Figure/Translating Figurative Language**. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014, p. 25-39.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M.. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____.; JOHNSON, M.. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MANDELBLIT, N. The cognitive view of metaphor and its implications for translation theory. In: LEWANDOWSKA-TOMASZYK, B.; THELEN, M. (Eds.). **Translation and meaning - Part 3**. Maastricht: Universitaire Pers, 1995, p. 482-495.

MILLER, D.; MONTI, E. (Eds.). **Tradurre Figure/Translating Figurative Language**. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014.

PRAGGLEJAZ, G. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor and Symbol**, v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide (Eds.). **Cognitive Linguistics and Translation**. Berlin: De Gruyter, 2013.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. **Journal of Pragmatics**, v. 36, p. 1253–1269, 2004.

STEEN, G. Translating metaphors: What's the problem? In: MILLER, D.; MONTI, E. (Eds.). **Tradurre Figure/Translating Figurative Language**. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014, p. 11-24.

STEEN, G. et al. **A method for linguistic metaphor identification**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

THE FREE DICTIONARY. 2017. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/>> Acesso em junho de 2017.

